

AS NOSSAS CEIFEIRAS DE PALAVRAS

*(em jeito de pequena homenagem às nossas
“ferramentas” humanas)*

Quem são estas moçoilas jovens, alegres, gaiatas e vibrantes que circulam e cirandam pelos nossos corredores, a toda a hora e volta e meia, à cata de palavras, como quem busca flores campestres, para delas arranjar ramos de gestos ou giestas em forma de ramos?

Entram-nos pelas salas adentro, como se fossem uma lufada sorridente de ar fresco matinal, prestes a abrir os braços, a trejeitar as mãos, temperadas para tudo o que vier, fazendo escorrer pelos dedos esguios o Sentido e o Significado, pendurando neles uma ladainha de verdades simples, claras, luminosas, aurorais, bem capazes de construir uma litania, um barco para rumar a diferentes portos. Ou uma arquitectura de gestos, volumetria, edifício funcional que possa erguer-se aos céus da Ideia ou do Conceito, tudo o que cabe dentro do que se chama esse enigmático mistério que dá pelo nome de Realidade. Seja ela uma catedral, uma fábrica, um castelo, um bloco de apartamentos, ou um retrato, um simples casebre, aí onde possa alojar-se um Ser, por mais efémero que seja, de cor viva ou desmaiada.

As nossas intérpretes são pontes que nos convidam a atravessar rios caudalosos de esquecimentos, caminhos que, com tanta frequência, conduzem a parte nenhuma ou são, vezes sem conta, incertos, hesitantes, periclitantes... Há, porém, sempre por perto, uma mão que nos acena, uma voz silenciosa que brilha e nos faz acontecer: aqui se faz o Verbo, por cá se cria e desenvolve o Gesto, como se fosse o fermento a levedar a farinha de um pão que tem sabor e saber. Ou, dito de outro modo, elas são as mãos de quem tem boca vai a Roma; ou os sinais que nos emprestam o caminho para a verdade que se anuncia para lá dos muros da surdez!

José Melo (de Filosofia)